


[Home](#) » [Revista](#) » Feira Cultural Indígena ocupa Fundação Progresso

• Tweet •  0 Feira Cultural Indígena ocupa Fundação Progresso

Evento reúne 20 etnias das cinco regiões do país e contará com venda de artesanato, apresentações de cantos e danças indígenas, pintura corporal e a exposição 'O Rio continua índio'

[Materias](#) 12.08.2016 [deixe aqui seu comentário](#)



O cacique Carlos Tukano é umas das principais lideranças da Associação Aldeia Maracanã e um dos organizadores da Feira Cultural Indígena (Foto: Caru Ribeiro)

Um pouco antes de começar a apresentação que abriu a temporada da [Feira Cultural Indígena](#), na Fundação Progresso, na quinta-feira (12/08) à tarde, um dos indígenas começou a falar em sua língua nativa, uma das 180 que existem no universo indígena brasileiro. O discurso durou cerca de dois minutos e embora o público em volta da roda parecia ouvir atentamente, as testas franzidas denunciavam que quase nada estava sendo compreendido.

"Você entenderam o que eu disse?", perguntou o índio no final do discurso.

E continuou:

"Vocês não entenderam, mas deveriam entender porque essa é a língua original de vocês", disse ele.

A provocação, justamente neste período de encontros de tantas nacionalidades diferentes na cidade por conta dos Jogos Olímpicos na cidade, é um convite para quem quiser conhecer não só as línguas, o artesanato e as danças, mas se aproximar da vivência, da identidade e do contexto histórico contemporâneo de diversas tribos indígenas do Rio e de outros estados do país. A programação, feita pela Associação Indígena Aldeia Maracanã (AIAM) em parceria com a Secretaria de Estado de Cultura (SEC) vai oferecer entre os dias 11 e 14 de agosto e 18 e 21 de agosto, das 14h às 20h. A Fundação Progresso o Museu da Justiça também apoiam o evento.

A secretária de estado de estado de cultura, Eva Doris Rosental e o secretário municipal de cultura e também conselheiro estadual de cultura, Júnior Perim, participaram da emocionante abertura, com danças e a tradicional reza de Twry Pataxó.

"É um prazer estar aqui nesse evento, ainda mais nesse momento pelo qual passa nossa cidade. É uma das missões da Secretaria de Cultura reconhecer o valor das etnias e apoiar iniciativas como essa. Nós vimos na cerimônia dos jogos a representação das ocas e dos indígenas de uma forma lúdica. No entanto, essas marcas não estão no nosso cotidiano e a gente tem que trabalhar pela preservação da cultura de todos os povos, todos os segmentos, todos os dias e juntos. A parceria com a Aldeia Maracanã começou com a Adriana e continuamos nesse diálogo para conseguirmos construir juntos", afirmou a secretária de estado de cultura ao se referir à construção Museu do Índio, no Maracanã, uma das reivindicações mais antigas dos indígenas e proposta para aquele espaço que vem sendo discutida desde 2013 com a AIAM. Além do museu, o projeto prevê a criação do Centro de Referência da Cultura Viva dos Povos Indígenas, com salas multiuso, bibliotecas, espaços de leitura e de estudos, mas ainda não há previsão de inauguração do projeto.

O cacique Carlos Tukano destacou que, pelo terceiro ano consecutivo e apesar das dificuldades, a feira estava pronta para receber a todos e a celebrar a memória dos antepassados e refletir sobre os conflitos indígenas contemporâneos.

Nessa semana, celebramos o dia internacional dos povos indígenas e juntos, por meio da atuação da Associação Aldeia Maracanã, queremos mostrar para o mundo que hoje está aqui no Rio de Janeiro, a cultura de diversidade de etnias. Estamos dentro das Olimpíadas, criando esse elo com outros povos para que possamos caminhar juntos. Estamos tristes porque não tivemos espaço nessa imensa festa da tecnologia que houve no maracanã, mas estamos felizes por termos a nossa oportunidade nessa casa", disse Tukano.

A festa na casa começou com cerca de 20 estandes espalhados pelos corredores do segundo andar da Fundação Progresso. O americano Mansir Petrie, 39 anos, casado com a Brasileira Daphne Sorensen, de 40, decidiu visitar o espaço na quinta, único dia para o qual não tinha ingresso para as competições dos jogos, para levar a pequena, Célia, de seis anos, para conhecer um pouco da cultura dos povos indígenas. A filha do casal nasceu aqui, mas todos hoje moram em La Paz, na Bolívia.

"Hoje foi a nossa folga olímpica, e não está sol para ir à praia. Como moramos, na Bolívia, sentimos uma grande diferença entre a presença dos indígenas lá nas ruas e aqui. As tradições indígenas Aymara sofreram muito durante anos, mas é comum usarem roupas tradicionais e o encontro e vivência são mais intensos, por isso acho maravilhoso termos lugares como esse e feiras como essa para nos aproximarmos mais da cultura", disse Mansir.